



Victor Juca/CinemaScopio

Destaque do elenco de 'O Agente Secreto', Tânia Maria venceu na última semana o prêmio de Melhor Atriz Coadjuvante no International Cinephile Society Awards (ICS Awards)

‘Idade é o que a ~ pessoa quer,
eu não sou velha’

Recentemente **premiada por sua atuação em ‘O Agente Secreto’**, a atriz potiguar **Tânia Maria, de 78 anos**, fala sobre trajetória no cinema e **expectativa pelo Oscar** em mais um trabalho com Kleber Mendonça Filho. **Pág. 2**

AFFONSO NUNES

Costureira, artesã e moradora do povoado Cobra, na zona rural de Parelhas, no interior do Rio Grande do Norte, Tânia Maria nunca imaginou que aos 72 anos sua vida mudaria completamente por causa de uma curiosidade. Em 2018, enquanto trabalhava em casa, ela ouviu vozes diferentes no povoado e decidiu espiar as gravações do filme “Bacurau”, de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Ao cumprimentar a equipe, chamou a atenção da produtora de elenco Renata Roberta, que não hesitou em escalá-la. Aquele encontro inesperado deu início a uma trajetória no audiovisual que já soma cinco trabalhos entre cinema e televisão, incluindo o aclamado “O Agente Secreto”, que concorre ao Oscar em quatro categorias: Melhor Elenco, Melhor Filme Internacional, Melhor Filme e Melhor Ator para Wagner Moura.

É impossível assistir o mais novo trabalho de Kleber Mendonça Filho e não se encantar com o carisma dessa atriz de carreira tardia que acaba de ser laureada com o prêmio de Melhor Atriz Coadjuvante no International Cinephile Society Awards (ICS Awards). Em entrevista concedida ao Cinejornal (Canal Brasil), apresentado por Simone Zuccolotto, exibido na noite do último domingo (16), Tânia falou sobre sua trajetória artística, do sucesso da personagem Dona Sebastiana de Em seguidas entrevistas Kleber Mendonça Filho revelou que cruiu Dona Sebastiana especialmente para Tânia, em reconhecimento ao seu talento natural e presença marcante em cena.

Ao lembrar da preparação para o papel, a atriz se emociona. Ela conta que chorou de alegria quando recebeu o convite e se dedicou integralmente à memorização das cenas. Em tom bem-humorado, recorda que chegou confiante ao set, certa de que tinha decorado todo o texto, até ouvir do diretor que o roteiro havia mudado. “Eu tinha estudado tudo, achando que estava pronta, e ele disse que tinha alterado as cenas”, relembra rindo. A situação, que poderia desestabilizar muitos atores profissionais, foi encarada por Tânia com naturalidade e flexibilidade, qualidades que a destacam em suas interpretações.

A atriz também se emociona ao falar da sessão do filme “O Agente Secreto” no Rio Grande do Norte, sua terra natal. Ela conta que já assistiu ao longa diversas vezes, mas que essa sessão em especial ficou marcada pela presença da família e da comunidade. “Quando eu falo da minha família eu choro. Eles me apoiam muito e minha família é linda! Onde a gente mora não tem cinema e quando vi todo mundo com a camisa escrita ‘Dona Sebastiana’ não consegui falar nada. Só chorei e aplaudi”, afirma. O cari-



‘Yellow Cake’, que acaba de estrear no Festival de Roterdã, tem Tânia Maria em seu elenco

‘Eu trabalho, estudo e quero continuar sendo atriz’

“Onde a gente mora não tem cinema e quando vi todo mundo com a camisa escrita ‘Dona Sebastiana’ não consegui falar nada. Só chorei e aplaudi”

TÂNIA MARIA

nho do público e o reconhecimento de sua gente, conta ela, têm sido fundamentais para que Tânia Maria continue atuando.

Na entrevista, Tânia reflete ainda sobre o rumo inesperado que sua vida tomou após o cinema. Ela diz que nunca planejou seguir carreira artística, apenas



Tânia Maria e Simone Zuccolotto nos bastidores de entrevista

aceitou filmar por gostar de dramatização, algo presente desde sempre em sua vida. Mesmo com o reconhecimento internacional e as premiações, mantém os pés no chão: continua costurando ao lado da filha, produzindo tapetes e conjuntos de banheiro, atividades que nunca abandonou. Para ela, a costura e o artesanato são parte de sua identidade tanto quanto a atuação. Questionada sobre a idade, ela é enfática: “Idade é o que a pessoa quer, eu não sou velha. Eu trabalho, estudo e quero continuar sendo atriz”, diz Tânia, que em janeiro protagonizou a campanha publicitária da cervejaria Heineken em anúncios que faziam alusão à torcida brasileiro pelo longa “O Agente Secreto”.

Além de “Bacurau”, Tânia Maria integrou o elenco do documentário “Seu Cavalcanti”, de Leonardo Lacca, lançado em 2024, e do longa de ficção “Almeidinha”, de Gustavo Guedes e Julio Castro, que estreou em 2025. Ela também foi escalada para “A Adoção”, novo longa de Allan Deberton, está no elenco de “Yellow Cake”, de Tiago Melo, que acaba de estrear no Festival de Roterdã, e da série “Delegado”, nova produção do Canal Brasil produzida por Kleber Mendonça Filho e Emilie Lesclaux, escrita e dirigida por Leonardo Lacca. Com uma agenda de trabalho intensa, Tânia Maria pegou gosto pelo ofício de atriz e que continue a nos emocionar por muitos anos.

Em paralelo a uma esquadra de 13 produções com DNA brasileiro, a 76ª edição do festival alemão abre portas - e telas - para novas vozes autorais da América Hispânica, em especial vindas do Chile



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Com 12 filmes e um seriado dirigidos por vozes autorais brasileiras na 76ª Berlinale, o cinema latino já poderia se considerar bem representado na maratona cinéfila anual da Alemanha, só que para além dessa ala de títulos falados em português, há espaço para nuestros vecinos de colonização ibérica expressarem toda a força das narrativas hispânicas de nuestro continente. A Argentina, oprimida pelo corte em sua economia cultural feito por Javier Milei, floresceu menos. Já o Chile e o México... de lá chegam alguns dos longas mais badalados de Berlim, como a mistura rara entre dispositivos documentais e ficção “Un Hijo Propio”, de Maite Alberdi.

Indicada um par de vezes ao Oscar de Documentário por “Agente Duplo” (2020) e “A Memória Infinita” (de 2023), a diretora chilena se põe além das fronteiras mexicanas para registrar o impacto de uma falsa gravidez na vida uma jovem que ambiciona ser mãe. Seus parentes... em especial o namorado... são impactados pela invenção da jovem, abrindo portas para Maite debater um de seus temas essenciais: o sexismo.

Candidato aos prêmios da mostra Perspectivas, que corre paralela à briga pelo Urso de Ouro, “Hangar Rojo” é um thriller político aclamado na Berlinale pela drestreza narrativa de seu realizador, Juan Pablo Sallato, em recriar o Chile dos anos 1970. Ele teve um orçamento de US\$ 700 mil e apenas 16 dias para dar conta do recado, tendo que filmar em Mendoza, na Argentina, por falta de apoio do estado chileno. A marola de dificuldades não limitou seu talento ao rever a saga de um capitão da Força Aérea que enfrentou suas autoridades fardadas durante o golpe que tirou Salvador

Soy loco por ti, Berlinale



‘Hangar Rojo’ remonta ao Chile de 1973, em coprodução com a Argentina

Fotos: Divulgação



‘El jardín que soñamos’ mostra a jornada de um casal haitiano no México



‘Narciso’, de Marcelo Martinessi, uma saga vivida no calor da ditadura paraguaia

Allende do Poder.

“É um desafio falar do mundo militar, mesmo sob um viés crítico, por conta de todo o preconceito que o cerca, mas eu precisa centrar a narrativa sobre os ombros de um capitão para falar dos homens que não se enquadraram nas normas, num tempo de brutalidade”, disse Sallato ao Correio da Manhã em Berlim.

Na mostra Panorama, o Paraguai intimista do diretor Marcelo Martinessi (premiado na Berlinale de 2018 com “As Her-

deiras”) se fez aplaudir uma vez mais, com “Narciso”. É a saga de um jovem que, em 1959, no calor da ditadura paraguaia, faz do rock um veio de protesto.

O cenário atual da briga pelo Urso de Ouro de 2026 traz, entre as vozes autorais em concurso, o cearense Karim Aïnouz. Ele concorre com uma produção estrangeira sobre lavagem de roupa suja em família: “Rosebush Pruning”, com Pamela Anderson, Tracy Letts, Callum Turner, Riley Keough, Jamie Bell e Elle

Fanning. Além de Karim, Beth de Araújo, americana de São Francisco, filha de um brasileiro (de quem herdou nacionalidade), vai brigar por troféus com “Josephine”, no qual uma menina de oito anos (Mason Reeves) fica mexida internamente após testemunhar um crime no Golden Gate Park. A produção venceu o Festival de Sundance, em janeiro. A única expressão criativa da América Latina a disputar o troféu dourado germânico com um longa que seja ambientado no continente e

“É um desafio falar do mundo militar, mesmo sob um viés crítico, por conta de todo o preconceito que o cerca, mas eu precisa centrar a narrativa sobre os ombros de um capitão para falar dos homens que não se enquadraram nas normas, num tempo de brutalidade”

JUAN PABLO SALLATO

estrelado por um elenco de nuestros Hermanos é o mexicano Fernando Eimbcke. Ele entra no páreo com “Moscas”, no qual uma mulher cria laços de afeto com um garotinho do qual se aproximou por um vetor nada sentimental: a pobreza.

Outro bom mexicano em campo, na Panorama é “El Jardín Que Soñamos”, de Joaquín Del Paso. Sua trama fala de um casal de haitianos que tenta a sorte na América do Norte.

A Berlinale termina no próximo domingo. Neste sábado, o júri presidido por Wim Wenders anuncia seus eleitos. De tudo o que se viu do Brasil, a pepita mais reluzente garimpada pela curadoria alemã é “Feito Pipa”, do cearense Allan Deberton, com Lázaro Ramos em estado de graça. Ele vive o intolerante pai viúvo de um craque mirim de futebol, Gugu (Yuri Gomes), que se reconhece sob uma identidade queer.

Hong Sangsoo

à casa torna

Artesão autoral famoso por um cinema intimista e palavroso, feito com baixo orçamento, o diretor sul-coreano volta ao Festival de Berlim com uma trama centrada num jogo de cena



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Desde 2020, não houve uma só Berlinale sem o sul-coreano Hong Sangsoo na programação, a colecionar prêmios de peso no evento, como a láurea de Melhor Direção entregue a ele pelas mãos do pernambucano Kleber Mendonça Filho (então jurado na Alemanha), há seis anos, por sua destreza na condução de “A Mulher Que Fugiu”. A curadoria do Festival de Berlim mudou nesse tempo, passando de Carlo Chatrian para Tricia Tuttle, mas o prolífico artesão autoral da Ásia segue no radar. É o que comprova a sessão de seu trabalho inédito, “The Day She Returns” (no original, “Geunyeoga doraon nal”), na mostra Panorama, nesta Quarta-feira de Cinzas.

“Eu filmo situações do dia a dia que são simples, o que me leva a rodar com rapidez. Não preciso de efeitos especiais. Eu mesmo opero a câmera. Só preciso de alguém para captar o som para nós. Com isso, meu orçamento é pequeno. A montagem fica por minha conta também. Nem saberia precisar quanto a gente gasta por filme, mas é pouco”, disse Sangsoo

ao Correio da Manhã no lançamento de “O Que A Natureza Te Conta”, na Berlinale de 2025.

Seu novo trabalho fala de angústias. Depois de se casar, a protagonista de “The Day She Returns” desiste da carreira de atriz. Então, após se divorciar, volta a atuar e estrela um filme independente. Agora, o filme está prestes a ser lançado e ela está a dar entrevistas para promovê-lo. Tendo chegado à meia-idade, ela expõe seu rosto ao mundo cheia de orgulho. Sangsoo mostra como ela dá três entrevistas em intervalos de 30 minutos e tenta responder a cada pergunta da melhor maneira possível. Na tarde do dia enquadrado pelo realizador, o coach da estrela pede a ela para reencenar as entrevistas que deu anteriormente. Sempre que chega às partes cruciais, por alguma razão, ela não consegue lembrar-se de nada, pois está cansada e quer ir para casa, ao encontro de sua filha. Fatores sentimentais instáveis também pesam em suas escolhas.

“Eu não penso muito em acaso, penso em instantes e no que eles podem nos revelar”, disse Sangsoo ao Correio.

Nada desse incansável fazedor de longas-metragens é unânime. Ele é amado e esnobado em igual medida. Surpreende, contudo, a habilidade que Sangsoo tem de criar. Sua empresa, Jeonwonsa Film Co. Production, consegue dar conta de sua estética enxuta e de sua urgência, mantendo uma média de dois longas lançados por ano. Toda Berlinale estreia um.



“Eu filmo situações do dia a dia que são simples, o que me leva a rodar com rapidez. Não preciso de efeitos especiais. Eu mesmo opero a câmera. Só preciso de alguém para captar o som para nós. Com isso, meu orçamento é pequeno. A montagem fica por minha conta também. Nem saberia precisar quanto a gente gasta por filme, mas é pouco”

HONG SANGSOO

No plim-plim de Cabul

Passados quase sete dias desde que a Berlinale 76 abriu suas portas (e telas), seu longa de abertura, “No Good Men”, continua a reverberar, em parte por sua imersão em aspectos pouco conhecidos da sociedade afegã e em parte pela ironia de sua realizadora... e estrela: Shahrbanoo Sadat. Revelada ao planisfério cinéfilo pela Quinzena de Cannes, em 2016, a diretora de “Wolf and Sheep” (2016) alcança o pico de sua notoriedade no papel de uma operadora de câmera de Cabul, avessa ao sexismo. A sequência em que um líder talibã se recusa a continuar numa entrevista registrada por ela, ao notar que a

telejornalista está sem burca, com os cabelos à mostra, é um dos pontos em que a trama flagra o sexismo.

“Essa personagem, em parte, sou eu, uma mulher afegã. Tenho uma língua ferina como a dela”, disse Shahrbanoo à Berlinale, antes de conversar com o Correio da Manhã sobre a crônica prospectiva que faz sobre a natureza transformadora da televisão. “Não tentei fazer um ‘filme de agenda’, de pautas. Eu só observo o mundo e falo de uma realidade que conheço”. Sua trama se passa em 2021, quando a protagonista, Naru (a própria cineasta), luta pela custódia do filho, de apenas

três anos, Liam, que é fã de leões, sobretudo o “The Lion King” da Disney. Depois de deixar o marido infiel, ela se convenceu de que não existem homens bons no seu país. É pega de surpresa, em suas atuais convicções, quando o jornalista mais importante da Kabul TV, Qodrat (o ótimo Anwar Hashimi), oferece a ela uma oportunidade profissional de peso. À medida que os dois percorrem a cidade, a reportar os derradeiros dias de liberdade de uma região ferida, demarcada pelos Talibãs, Naru começa a questionar suas descrenças. “O patriarcado torna as mulheres fortes”, diz a cineasta. (R. F.)



Em *The Day She Returns*, uma atriz precisa encenar entrevistas que deu no passado

Jeonwonsa/Divulgação

BLOCOU! UM RIO DE OPÇÕES DE FOLIA

VEJA A PROGRAMAÇÃO DOS BLOCOS DE RUA NA CIDADE

QUARTA, 18/2

Centro

- ✱Planta na Mente - Praça Cardeal Câmara (Arcos da Lapa, Lapa). 14h
- ✱Me Enterra na Quarta - Aveni-da Augusto Severo, 64. 14h

Zona Sul

- ✱Mulheres Rodadas - Largo do Machado, Catete. 8h
- ✱Me Beija Que Eu Sou Sem Censura - Praça Luiz de Camões – Glória. 8h

Ilha do Governador

- ✱Ainda Aguento - Praia da En-genhoca, 151, Ribeira. 11h

Zona Sudoeste

- ✱Guri da Merck - Praça da Merck, Taquara. 16h

Zona Norte

- ✱Chave de Ouro - Rua Ana Leo-nidia, 85, Eng. de Dentro. 16h

Sexta, 20/2

Centro

- ✱Urubu Malandro - Largo São Francisco da Prainha, 4, Saúde. 17h

SÁBADO, 21/2

Centro & Paquetá

- ✱Bloco da Anitta - Rua Primeiro de Março, 1, Centro. 7h
- ✱Chulé de Santa - Rua Joaquim Murtinho, 2012, Santa Teresa. 12h
- ✱Alegria da República - Rua dos Inválidos, 5, Centro. 14h
- ✱Caraxué - Rua Cerqueira, 74, Paquetá. 15h
- ✱Só Cachaça - Rua Nabuco de Freitas, Santo Cristo. 16h
- ✱Superbacana - Praça Luiz de Camões, Glória. 17h
- ✱Berço do Samba - Travessa do Mosqueira, Lapa. 16h

Zona Sul

- ✱Sem Saída - Rua General Se-veriano, 52, Botafogo. 8h
- ✱Bloconce - Calçadão da Praia do Flamengo, 484. 9h
- ✱Bafafá - Praça São Salvador, 6, Laranjeiras. 10h
- ✱Se Essa Rua Fosse Minha - Rua Paulo VI, s/nº, Flamengo. 12h
- ✱Sufridus de Copacabana - Pra-ça Inhangá, Copacabana. 16h
- ✱Mulheres de Chico - Praça Almirante Júlio de Noronha, 86, Leme. 15h
- ✱Pela Saco - Praça Tião Belo, Botafogo. 15h

Zona Sudoeste

- ✱Bloco dos Cachaças - Av. Lúcio Costa, 3604, Barra. 14h



Fernando Maia/Riotur



Fernando Maia/Riotur



Gustavo Stephan/Riotur

Grande Tijuca

- ✱Faroeste Cabloco - Praça Xa-vier de Brito, 18 – Tijuca. 12h
- ✱Cordão da Tia Juca - Jardim Aldir Blanc, Tijuca. 16h

Ilha do Governador

- ✱Quem Vai Vai, Quem Não Vai, Não Cagueta - Praia Jardim Jerusalém, 8, Jardim Guanaba-ra. 11h
- ✱Bloco Playmobil - Rua Artur Magioli, 42, Jardim Carioca. 12h
- ✱Vem Comigo Cachaçada - Praia do Zumbi, 51. 13h

Zona Norte

- ✱Sepulta Carnaval - Rua Ana

Leonidia, 189, Engenho de Den-tro. 14h

Zona Oeste

- ✱Bloco da Ressaca - Rua Barros de Alarcão, 464, Pedra de Gua-ratiba. 16h

DOMINGO, 22/2

Centro

- ✱Monobloco - CCBB, Centro. 7h
- ✱Bonde da Folia - Rua Fonseca Guimarães, 8, Santa Teresa. 12h
- ✱Nossobloco - Rua Sacadura Cabral, 75, Saúde. 16h
- ✱Liga de Blocos e Bandas da Zona Portuária - Rua Sacadura

Cabral, 355, Saúde. 16h

Zona Sul

- ✱Little Be - R. Visc. de Pirajá, 356 – Ipanema. 8h
- ✱Filhos da PUC - Av. Delfim Moreira, 1111 – Leblon. 9h
- ✱Condomínio Habitacional Barangal - Av. Vieira Souto, 9 – Ipanema. 9h
- ✱Saideira - Praça Almirante Júlio Noronha, 86, Leme. 16h

Grande Tijuca

- ✱Aí Sim! - praça Comandante Xavier de Brito, Tijuca. 12h
- ✱7 de Paus - Boulevard 7 de Setembro, 238, Vila Isabel. 16h

Ilha do Governador

- ✱União dos Blocos da Ilha do Governador - Rua Fernandes da Fonseca, 84, Ribeira. 10h
- ✱União dos Foliões da AFERJ - Praia da Olaria, 155, Cocotá. 11h

Zona Norte

- ✱República Suburbana - R. Soa-res Caldeira, 115 – Madureira. 10h
- ✱Amigos da Joaquim Méier - Rua Guaju, Méier. 16h

Zona Oeste

- ✱Vou Te Pescar - Rua C Dois, 18, Padre Miguel. 13h
- ✱Balbúrdia de Realengo - Rua do Espadarte, 14, Realengo. 15h

CRÍTICA DESFILES DO GRUPO

POR FRED SOARES* - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Após as duas primeiras noites de desfile do Grupo Especial em 2026, ficou evidente que o carnaval contemporâneo exige mais do que tradição: é preciso ousar, sofisticar e disputar cada décimo com estratégia. Mangueira e Portela protagonizaram um salto de modernidade no domingo, mostrando que tradição e atualização podem caminhar juntas. Na segunda, Mocidade Independente de Padre Miguel, Beija-Flor de Nilópolis, Unidos do Viradouro e Unidos da Tijuca apresentaram propostas distintas, combinando homenagens, apelo popular e crítica social.

O momento de maior emoção do fim de semana ficou por conta da Viradouro, que homenageou seu diretor de bateria, Ciça. A escola transformou a trajetória do mestre em eixo narrativo do desfile, provocando forte reação do público. Espectadores se levantaram nas arquibancadas visivelmente emocionados, e o próprio homenageado não conteve as lágrimas. Ciça submeteu-se a uma verdadeira maratona: atuou como regente da bateria, integrou o desenvolvimento do enredo, participou da apresentação do casal de mestre-sala e porta-bandeira e compôs a comissão de frente.

Acadêmicos de Niterói

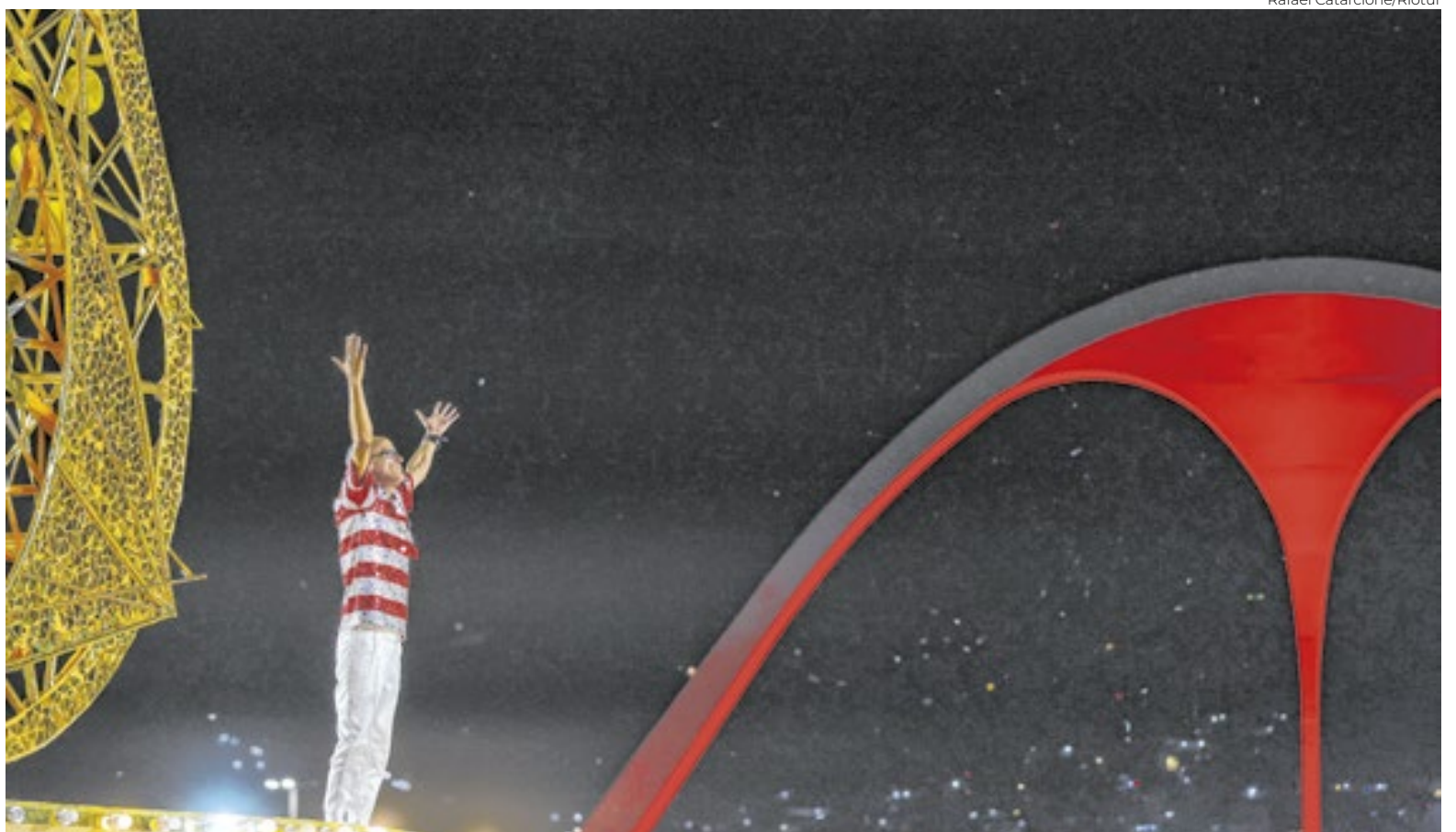
A primeira escola a pisar na Sapucaí foi a Acadêmicos de Niterói, cercada de expectativa por sua homenagem ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva - tema que mobilizou debates intensos no pré-carnaval. A presença de autoridades e artistas ampliou os holofotes, mas o desfile não correspondeu tecnicamente. Alas reduzidas, fantasias pouco elaboradas e alegorias de concepção e acabamento frágeis comprometeram o conjunto. Faltou densidade estética e impacto visual compatíveis com o Grupo Especial. O enredo, até o penúltimo setor, desenvolveu de forma consistente a trajetória histórica de Lula. Contudo, ao avançar para referências ao governo atual e a aspectos de natureza político-eleitoral, perdeu unidade e enfraqueceu a proposta inicial. A escola sai em situação delicada na luta pela permanência.

Imperatriz Leopoldinense

A Imperatriz entrou na avenida com energia vibrante, transmitindo a sensação de que poderia despontar como forte candidata ao título. A escola homenageou Ney Matogrosso em enredo desenvolvido por Leandro Vieira,

Ciça emociona a Sapucaí

Veja nossa análise sobre as duas primeiras noites do desfile do Grupo Especial



Rafael Catarcione/Riotur

Sob uma alegoria gigante em forma de apito, Mestre Ciça tem sua apoteose ao ser o enredo-vivo da Unidos do Viradouro



Alex Ferro/Riotur

Portela celebra a ancestralidade negra no Rio Grande



Fernando Molica

Carro alegórico da Acadêmicos de Niterói traz imagem de Lula

carnavalesco reconhecido por sua inventividade. No entanto, o samba-enredo, alvo de críticas na pré-temporada, não sustentou o desfile como se esperava. Problemas visíveis de acabamento nos cinco primeiros elementos alegóricos comprometeram o impacto inicial. O destaque positivo ficou para o carro inspirado na canção "O Vira", o mais bem resolvido da noite em concepção e execução. Ainda assim, o conjunto faz com que a Imperatriz saia alguns passos atrás na disputa pelo título.

Portela

A Portela viveu um momento 2.0. Depois de ter voltado ao Sábado das Campeãs no último ano sob muitas críticas, a escola apostou numa reformulação que começou pela direção. O presidente Júnior Scafura, ainda jovem, combina a vivência do carnaval tradicional com a percepção das exigências atuais. A azul e branco precisava reconhecer sua história, mas incorporar novas linguagens. A escola exaltou o Batuque, manifestação religiosa afro-gaúcha, destacando a figura histó-

ca de Custódio Joaquim de Almeida e a força simbólica de Bará no contexto religioso do estado. Mesmo com temática tradicional, a escola apresentou pinceladas de modernidade, especialmente na comissão de frente, que surpreendeu ao levar um integrante sobre um skyboard sobrevoando a coreografia dedicada aos orixás. O principal problema ocorreu no encerramento, quando um incidente com o último carro alegórico ainda na concentração provocou um buraco perceptível no primeiro módulo de julgadores. O

carro conseguiu entrar e evitar prejuízo maior, mas o susto pode custar décimos importantes.

Mangueira

A verde e rosa entrou com a responsabilidade de responder às más performances recentes e de provar que compreendeu o novo momento do carnaval. Assim como em 1984 promoveu uma guinada estética para voltar a vencer após 12 anos, a verde e rosa mostrou novamente disposição para se reinventar. Com o enredo "Mestre Sacaca do

ESPECIAL - (16 E 17/2)



Tijuca celebra a escritora Carolina Maria de Jesus



Beija-Flor exalta força do candomblé em Santo Amaro



Mocidade embarcou na alegria de Rita Lee



Mestre Sacaca, o doutor da floresta, surge em imponente carro da verde e rosa



Imperatriz levou Ney Matogrosso à avenida

Encanto Tucuju - O Guardião da Amazônia Negra”, a escola promoveu transformação significativa na concepção visual. As fantasias romperam com o padrão historicamente associado à Mangueira, apostando em soluções cromáticas ousadas, texturas sofisticadas e desenho mais arrojado. Houve surpresa positiva. Também as alegorias apresentaram salto de qualidade em concepção e acabamento, um dos pontos altos da noite. O samba, antes criticado, sustentou a evolução com consistência, ainda que sem a explosão emocional típica da escola. A Mangueira priorizou a execução técnica, jogou com as regras sob o braço e saiu da avenida com boas perspectivas de retornar ao Sábado das Campeãs - e, talvez, de algo mais.

Mocidade Independente de Padre Miguel

Primeira a desfilar, a Mocidade apresentou enredo em homenagem à cantora Rita Lee. O carnaval foi desenvolvido pelo carnavalesco

Renato Lage, que construiu uma proposta de leitura direta e de forte apelo popular. O desenvolvimento do enredo foi o principal ponto positivo da escola. Fantasias e alegorias permitiram compreensão clara da narrativa proposta, com referências facilmente identificáveis pelo público. No entanto, o conjunto estético não alcançou o mesmo impacto observado em outras apresentações da noite. O samba-enredo, que já vinha sendo questionado no período pré-carnaval, não teve força suficiente para impulsionar uma evolução de excelência.

Beija-Flor de Nilópolis

A Beija-Flor apresentou desfile tecnicamente consistente e visualmente impactante para contar a história do Bembé, grande encontro de casas de candomblé em Santo Amaro da Bahia. A escola demonstrou organização, acabamento refinado e segurança na execução do projeto carnavalesco. O conjunto estético foi um

dos destaques da noite. Alegorias grandiosas, fantasias bem acabadas e evolução segura reforçaram a competitividade da agremiação, que se coloca entre as postulantes às primeiras posições na classificação final.

Viradouro

A Viradouro levou à avenida o carnaval estruturado em torno da trajetória de Ciça, transformando o diretor de bateria no centro da narrativa. A escola combinou emoção e organização técnica. A bateria manteve regularidade e precisão sob comando do homenageado, cujo apito exerceu papel decisivo na condução rítmica do desfile. A construção visual, aliada à força simbólica do enredo, resultou em apresentação de alto impacto. A Viradouro encerrou sua participação com um desempenho que deixa os integrantes da escola quase que com a certeza da conquista do título.

Unidos da Tijuca

A escola homenageou a escritora Carolina Maria de Jesus e adotou proposta estética distinta dos últimos anos, com predominância de materiais e soluções rústicas. A intenção foi recriar o ambiente retratado na obra da autora, marcado por pobreza, exclusão social e resistência. A crítica social permeou todo o desenvolvimento do enredo, com ênfase na fome, na falta de moradia e nas barreiras enfrentadas por uma mulher negra no mercado literário. No aspecto técnico, a Tijuca apresentou boa harmonia e evolução equilibrada.

***Jornalista com 30 anos de cobertura carnavalesca**

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

É tempo de *limpar gavetas*

(primeira parte)

Gavetas são, muitas vezes, espelhos d'alma. Um entulhado de papéis amarelados pelo tempo, objetos inúteis e memórias dispensadas no fundo de um armário qualquer, na cômoda do quarto, na escrivaninha do escritório ou na mesa de cabeceira da alcova. Nelas vão sendo depositadas as lembranças do que fomos em algum momento. Hora por outra arrancamos de nosso peito tão estranhas reminiscências como numa anamnese, rasgamos o espartilho que nos amordaça, cinta do passado extravasamos tudo que nos aperta, nos sufoca e nos traz lembranças de um outrora desnecessário.

Limpar uma gaveta é como tornar nossa história latente. Encontrar uma conta paga há mais de um par de anos, um extrato do cartão de crédito ora inexistente que apresenta valores defasados pelo tempo e pela inflação. Viagens realizadas, almoços em espaços românticos com vieses apaixonados, asas partidas, casas esquecidas. Lembrar daquele beijo na sessão do Roxy ou do Rian e do cantinho gostoso da Círandinha para o lanche com waffles, mel e manteiga, chá com torradas servidos por impecáveis garçons, trajando seus paletós beges trespassados.

Anotações em velhas agendas, diários oculares que hoje embrulham o peixe da vida atrás. Anotações inúteis em pequenos pedaços de papel que de nada servem porque sequer sabemos seu significado. Tiveram serventia um dia. Objetos sem proficiência, empoeirados pelo tempo da razão ou do obsoletismo, lá estão, jazem inúteis, quase peças de antiquários, quiçá museus. Aparelhos quebrados e prometidos ao concerto que nunca veio e para onde nunca foi. Quinquilharias como o velho radinho de pilhas que, muitas vezes, foi companhia solitária naquela derrota do América para o Bangu em pleno Maracanã. Objetos que, pelo diminuto tamanho, não poderão preencher o vazio da 'Kombi do ferro-velho' que atormenta diariamente nossos ouvidos com o apregoo da limpeza de sua garagem ou quintal. Devia haver uma 'Kombi da gaveta cheia'. São tantas coisinhas miúdas: clips amassados, grampos sem pressão, elásticos que tempos atrás alinhavam madeixas e perderam a liga, canetas sem tinta, lápis sem crayon. Tudo lá, no fundo falso da ilusão perdida.

Um cartão de crédito vencido que tantas contas pagou, dinheiro de plástico impecavelmente limitado a míseros trocados recusados. Lá está ele, da soberania da carteira ao esquecimento tardio da não mais-valia. Antagônico valor e desvalor, supérfluo cidadão presente que tantos presentes trouxe e a canastrinha de surpresas, no fim do mês, com a conta apresentada, Caixa de Pandora assustadora. (continua...)

